

## **OQUE É A ESCOLA? PERCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE A EDUCAÇÃO**

Natasha Garcia de Oliveira (IC) e Roseli Fernandes Lins Caldas (Orientador)

**Apoio: PIVIC Mackenzie**

### **RESUMO**

Diante do cenário educacional público brasileiro, com muitos insucessos e algumas vitórias, demonstrou-se importante este estudo buscando ouvir as vozes dos alunos, a fim de se pensar futuras mudanças e políticas. Foi levando em conta essa prerrogativa, que a presente pesquisa se debruçou sobre a experiência em uma escola estadual de São Paulo, cujos objetivos foram: compreender/investigar as percepções de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II acerca dos seguintes questões relacionadas à escola, a) Desafios e problemáticas B) Sucessos e iniciativas positivas c) Sugestões e ideias. Os dados foram coletados por meio de grupos focais e dinâmicas com oito alunos participantes, nesses encontros identificou-se nos debates a importância de aulas dinâmicas, melhorias na estrutura escolar (laboratórios, biblioteca, etc),rotina mais dinâmica/criativa, demanda de um ambiente escolar enquanto um lugar de socialização, debates e maior participação e autonomia dos alunos nos processos. Conclui-se que todos os tópicos percebidos e apontados pelos alunos têm fundamento, suas percepções são extremamente ricas e assertivas. Para uma educação melhor e conseqüentemente uma sociedade melhor, é necessário: construção de pontes entre as esferas escolares: alunos, professores, coordenação e estado, políticas sendo pensadas e executadas a partir dessa interface, de modo que a partir dessa interlocução se busque: um ambiente mais dinâmico, autônomo, reflexivo, transformador, inspirador que promova o empoderamento reflexivo crítico dos sujeitos, possibilitando a protagonização dos mesmos nas transformações da sociedade.

**Palavras-chave:** Educação. Percepção. Alunos.

### **ABSTRACT**

Faced with the Brazilian public educational scenario, with many failures and some victories, this study was important in order to listen to the students' voices, in order to think about future changes and policies. It was considering this prerogative that this research focused on the experience in a state school in São Paulo, whose objectives were: to understand/investigate the perceptions of students in the 9th grade of elementary school II about the following issues related to the school, a) Challenges and problems B) Successes

and positive initiatives c) Suggestions and ideas. The data were collected through focus and dynamic groups with eight participating students, in these meetings the importance of dynamic classes was identified in the debates, improvements in the school structure (laboratories, library, etc.), more dynamic/creative routine, demand for a school environment as a place of socialization, debates and greater participation and autonomy of students in the processes. It is concluded that all topics perceived and pointed out by students have a foundation, their perceptions are extremely rich and assertive. For a better education and consequently a better society, it is necessary: building bridges between school spheres: students, and state, policies being designed and implemented from this perspective, so that from this interlocution it is sought: a more dynamic environment, autonomous, reflective, transformative, inspirational that promotes reflective empowerment of the subjects, making it possible for them to play a leading role in the transformations of the society.

**Keywords:** Education. Perception. Students.

## 1. INTRODUÇÃO

A educação pública brasileira enfrenta hoje diversos problemas, que iniciam desde a questão da estrutura física das escolas até a experiência didática dentro das salas, de uma ponta a outra. Há um universo que resultou na evasão escolar de cerca de 10% dos alunos de ensino médio em todo o território nacional entre 2014 e 2015 (INEP, 2017), as consequências desses dados vão para além dessa questão e se evidenciam na desigualdade socioeconômica, nos altos índices de violência e na falta de protagonismo nas questões políticas como um todo. Por outro lado há diversos projetos e intervenções que vem pensando e criando outras formas de se educar, de se viver a escola, que estimulam o interesse pelo conhecimento e produzem novas formas de ensino, formas que se adequam às necessidades e expectativas dos alunos.

O presente estudo, levando em conta essas duas perspectivas sobre o assunto, ou seja, os desafios e as iniciativas de novas propostas, teve como objetivo identificar e investigar três eixos da experiência escolar a partir de um recorte, o levantamento das percepções de alunos do nono ano do Ensino Fundamental II de uma escola estadual paulista sobre o processo de escolarização. São os três eixos: a) Os problemas enfrentados b) As iniciativas positivas que existem e c) As propostas de possíveis mudanças, por meio da reflexão e discurso dos alunos. No primeiro foi investigado quais são os principais problemas dentro das salas de aula, o que causa o desinteresse, quais os obstáculos no processo de aprendizagem e o que o dificulta. O segundo eixo diz respeito às iniciativas positivas que vêm sendo executadas, tais como os fatores que despertam o interesse, facilitadores da vivência do ensino e atrativos do mundo escolar. O terceiro eixo foram as sugestões levantadas pelos alunos para melhoria dos processos de ensino aprendizagem e da escola. Tudo isso segundo a perspectiva dos alunos, traçando uma ponte entre a fala deles e o referencial teórico, construído pela Psicologia Escolar Brasileira.

Um autor que contribui para a compreensão da importância do estudo é Paulo Freire (1997b) que diz que aquele que pode se comprometer a fazer mudanças é aquele que pode agir e refletir, entretanto há de se pensar antes se a reflexão é algo que simplesmente existe em nós ou se é algo que é aflorado. Quando observada, a realidade mostra que o ato de refletir não é da ordem do inato, a capacidade de pensar é característica do humano, entretanto a ação não, por isso a importância de colocar os alunos como peças chave do estudo, para a apresentação dos mesmos a essas questões, para o convite a reflexão sobre elas e a troca de suas experiências, reflexões e sugestões. Para que se promova o protagonismo dos alunos e nós sejamos apenas mediadores dessa jornada, é importante levar o lugar de fala para esses sujeitos, que participam minimamente no constructo educacional. É por meio do discurso dos alunos que é possível compreender se um modelo

de ensino faz sentido, por suas falas e sentimentos que vemos se os conteúdos trabalhados dentro da escola lhes são familiares ou estranhos. É preciso sair da noção errônea de que nós psicólogos temos as repostas e as soluções, nosso papel é estimular o protagonismo dos indivíduos dentro da sociedade. A importância desse estudo está na oportunidade de gerar reflexão acarretando em pró-atividade dos alunos, como também em fomentar as atuais discussões sobre a temática, desenvolvendo o conteúdo científico da mesma e gerando inspiração para futuros estudos e políticas públicas. O conteúdo encontrado na investigação pode promover um projeto para essa escola e sendo bem-sucedido, ampliar-se.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

A Psicologia em si tem como função compreender e intervir, de forma a promover direito à saúde e qualidade de vida aos sujeitos da sociedade, abrangendo o âmbito social, diminuindo diferenças sociais. Ela em coerência ao seu papel, deve então atuar dentro do espaço escolar, entendendo que esse é um espaço socializador, que presentifica a humanidade em nós, pois é o pensar e agir no mundo que nos diferencia dos animais. Logo a escola deve ser o espaço que garanta a condição humana, a leitura, escrita, a reflexão, a conscientização, a produção de cultura e a construção democrática da subjetividade de cada um. (MOLINA E ANGELUCCI, 2012) Entretanto ao olhar para o passado é possível notar como essas diretrizes não eram efetivadas, de fato.

Souza (2009) recapitulando a história e desenvolvimento da Psicologia Escolar aponta os acontecimentos que acarretaram no modelo antigo e atual desta área. Quando em 1962 a Psicologia ganhou caráter de profissão pela Lei no. 4119 de 27 de agosto (BRASIL, 1962), houve diversos ganhos como a abertura de cursos de formação de psicólogos e a institucionalização da profissão, mas deu-se também a consolidação de um modelo centrado na prática clínica, que enfatizava Psicodiagnósticos e Psicoterapia. Isso influenciou ainda mais uma prática centrada na Psicometria, ou seja, atuar em escolas era muitas vezes medir a capacidade cognitiva dos alunos na tentativa de explicar fracassos, anulando outras variáveis, como o próprio espaço escolar.

Em sua prática Psicométrica, psicólogos se utilizavam de testes e teorias para definir aqueles que tinham capacidade e aqueles que não, os que eram tidos como incapazes de aprender eram destinados a classes fracas, nome dado a classes que não acompanhavam o conteúdo ministrado em aula. O fracasso escolar era culpa de um lar carente e o lar carente por sua vez era consequência do fracasso escolar, um raciocínio circular que mantinha e perpetuava essas condições. O que se mostra natural é, na verdade, social e

histórico, uma vez que esse indivíduo não é uma ilha, mas existe dentro de uma sociedade de classes, onde aqueles que são considerados carentes não são os indivíduos que deram errado na sociedade, eles são parte dela, de sua lógica, ela existe como o é, exatamente por que alguns tiveram que preencher o papel dos excluídos (PATTO, 1997).

Partindo para autores que discutem o universo escolar, temos Mahoney e Almeida (2005) que trazem conceitos notórios de Wallon, um deles é a importância da adequação entre o conteúdo ministrado e a necessidade do aluno, não é possível uma boa assimilação e engajamento de alunos que veem conteúdos que não interagem com suas necessidades ou sentidos. Podemos pensar então na evasão escolar brasileira, como diversos alunos que abandonaram a escola assim fizeram, pois não tinham nenhum tipo de intimidade com os conteúdos ministrados em aula, todo aquele conhecimento não conversava com nenhuma de suas experiências pessoais. Ainda seguindo esse raciocínio temos Leontiev (2004) trazendo o conceito de atividade e ação, a primeira diz respeito a tudo aquilo cujo processo produz a mudanças nos processos psíquicos e da personalidade do indivíduo, já a ação se restringe a um processo onde o seu objetivo não coincide com o motivo, isso é, na atividade a motivação para ler é aprender algo novo, no caso da ação, o objetivo é apenas ir bem em uma prova.

Para corroborar a discussão sobre sentidos, importância e adequação em relação ao conteúdo dado em aula, temos os conceitos de sentido e significado, criados por Vigostky, e amplamente discutidos no texto de Asbahr (2014). Sentido é o grande núcleo, que carrega em si, todas as vivências e conhecimentos de um indivíduo ligados a uma determinada palavra, eles são mutáveis e dinâmicos. Significados são os pequenos núcleos que constituem o sentido, esses por sua vez são imutáveis, já que tem uma explicação específica sobre algo construído culturalmente, enquanto os sentidos carregam vivências e experiências pessoais. Vê-se aqui a magnitude da escolha do conteúdo ministrado em aula.

Se nos parágrafos anterior foi discutido o conteúdo das aulas, aqui e nos próximos se discute o como isso é feito e as relações que perpassam esses processos. Freire (1997a) enriquece a discussão, o mesmo aborda como a nossa educação funciona na lógica depositária, isso é, os educandos são meros depósitos e os educadores meros depositores. Tal como um balde vazio que espera ser preenchido. Esse modelo de educação não busca a relação com o conhecimento, não busca a participação na construção do saber, não visa mostrar que aquele mundo que é apresentado a ele é o mundo em que ele vive e que ele pode mudar. A educação bancária entende o aluno como um expectador e não um ator da realidade, não só entende dessa forma como faz esses indivíduos compreenderem o mundo assim. Isso por que o expectador não age, só assiste, acaso venha reclamar, o problema

está nele e não no programa. Esse quadro beneficia aqueles que desejam manter o mundo assim, os beneficiados da passividade da população.

Em contrapartida ele cita a educação problematizadora, ou também chamada de libertadora, essa busca fazer os indivíduos notarem que são frutos da história e construtores da mesma, que sua ação influencia diretamente o mundo, e a mudança é possível, pois nossa realidade é mutável e não estática. É através da percepção dessa condição que o mover-se se faz possível. A percepção por sua vez se dá em um ensino que permite a fala, que permite o pensar, que mostra o mundo como algo em constante movimento, algo social e histórico, que pode sim ser modificado. É essa educação que desafia o aluno, e que o convida a responder ao mesmo. No processo de apreensão de seu ambiente, ocorre o autoconhecimento, a identificação e o insight de que a realidade é criada por nós, e por nós poderá ser modificada.

No que diz respeito à discussão sobre as relações, normas e regras dentro do ambiente escolar, temos Foucault (1987). O autor versa sobre como hoje vivemos em uma sociedade carcerária, onde todos somos vigiados e eventualmente punidos, em relações de micropoder, cada um vigia o outro, portanto, não é necessário um grande vigiador. Há também o macropoder, onde recursos físicos são utilizados para marcar a presença do poder em um determinado espaço. Foucault (1987) disserta ainda sobre as relações de poder entre as pessoas, saber é poder, aquele que detém um saber sobre algo, possui um poder sobre aquilo. Graduações por exemplo, trazem saberes, que por sua vez trazem poderes a um indivíduo em detrimento de outro.

A relevância da fala do aluno é muito bem discutida por Checchia (2006). Em sua pesquisa os participantes, jovens alunos de 14 a 16 anos, explicitaram a necessidade de ambientes que permitam a sua fala, disseram também sobre a importância da opinião dos alunos sobre o processo educacional, o ambiente escolar em si e as relações aluno-professor. A autora cita a importância da "circulação da palavra" processo onde alunos expressam suas perspectivas sobre o processo de escolarização. Fica nítida a relevância em levar a fala aos alunos, desde assuntos pessoais sobre os quais eles queiram partilhar até a participação da construção do ambiente escolar.

Ainda nesse sentido temos Adorno (1995) que faz uma importante reflexão sobre o assunto ao debater a existência de algo tão terrível como Auschwitz, uma das explicações do autor para isso é a obediência cega, a falta de autonomia de cada indivíduo, a impossibilidade de reflexão, questionamento e ação.

É a partir de todas as teorias e questões aqui levantadas que o presente estudo irá se basear, usando de autores da área que contribuirão para um olhar mais assertivo sobre o universo escolar.

### **3. METODOLOGIA**

Para o presente estudo a pesquisa qualitativa se mostrou a mais eficaz e foi a utilizada, pois diferente da quantitativa não se debruça sobre dados numéricos, mas sim sobre situações, fenômenos, lugares, pessoas e processos, de forma a compreender profundamente aquele tema segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que a vivenciam. Essa tem como principal objetivo investigar e conceber determinado fenômeno, para a partir daí estabelecer uma hipótese. Esta pesquisa encarou a realidade como um mistério, com um olhar que busca entendê-la, sua forma de ser e seus motivos para isso. (GODOY, 1995; GERHARDT E SILVEIRA, 2009)

Para a coleta de dados o método utilizado foi o grupo focal, segundo Morgan (1997) conforme citado por Trad (2009) os grupos focais são uma técnica de pesquisa qualitativa que garante a obtenção de dados por meio de interações grupais. Seu objetivo é conhecer um fenômeno ou processo por meio do debate de um grupo com indivíduos que participam daquela situação. Foram quatro encontros de uma hora de duração com oito alunos do nono ano do ensino fundamental II, todos gravados com o consentimento dos participantes e de seus responsáveis. Os encontros ocorreram na biblioteca da escola onde eles estudam. Em todos os encontros foi utilizada a técnica do grupo focal, acrescentando a ela, dinâmicas que propuseram debates e reflexões. Os critérios para inclusão foram: que o indivíduo estivesse no nono ano do Ensino Fundamental II, que frequentasse o turno matutino, que tivesse aceito de livre escolha participar da pesquisa via Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e que também tivesse sido autorizado pelo responsável via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A partir dos dois primeiros critérios foram sorteados quatro alunos de cada turma do nono ano (são duas turmas), em seguida quando corresponderam aos dois últimos passaram então a fazer parte da pesquisa. Os critérios para exclusão foram justamente não corresponder aos estabelecidos para inclusão.

Para respeitar os aspectos éticos da pesquisa, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue aos responsáveis dos alunos e um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) aos próprios alunos, a fim de garantir que ambos tivessem conhecimento sobre o tema da pesquisa, seu objetivo e finalidade, bem como para indicar contatos para maiores dúvidas que pudessem surgir. Outro ponto foi o cuidado com a previsão de riscos, a qual foi mínima, mas caso houvesse algum desconforto, por conta do

debate/conversa, ele seria minimizado através do manejo adequado do Pesquisador Responsável, caso o incômodo persistisse o encontro seria paralisado e se o participante posteriormente sentisse qualquer tipo de desconforto seria feito o encaminhamento ao Serviço Escola de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie sob a responsabilidade da Prof.<sup>a</sup> Ms. Flávia Blikstein. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

O primeiro encontro foi definido por duas dinâmicas que possibilitavam que os alunos se conhecessem melhor e que houvesse um maior engajamento do grupo em si, a primeira era um jogo de bingo, onde ganhava quem completava uma linha na horizontal ou vertical, para poder marcar cada casa da linha, era necessário que um colega tivesse a mesma característica que o jogador, por exemplo: morar perto da escola. Na segunda dinâmica tratou-se de identificar a pessoa que os alunos mais admiravam e o motivo disso, essa foi a instrução dada. Nas duas dinâmicas todas as questões que surgiam eram abertas para o debate e conversa em grupo, utilizando dessa forma do método do grupo focal.

No segundo encontro houve dinâmicas e debates. A dinâmica utilizada nesse encontro foi o uso de um site interativo<sup>1</sup>, onde a pesquisadora fazia perguntas sobre a importância da escola, dos amigos, matéria preferida, todos temas sobre aspectos positivos, para os alunos e os mesmos respondiam nesse site utilizando seus celulares, a partir das respostas que iam aparecendo nos slides, uma conversa sobre era iniciada. Nesse mesmo modelo, foi feita a dinâmica com post-its, onde os alunos respondiam às perguntas da pesquisadora, voltadas às problemáticas da escola, seus maiores desafios. Escreviam nos post-its e os grudavam na parede, um debate era feito quando todos os post-its de uma determinada pergunta eram colocados.

No terceiro encontro, a principal dinâmica foi o uso de cartolinas, onde temas relacionados às ideias e sugestões deles para a escola, foram dados e os alunos foram escrevendo em conjunto. Foram três cartolinas, após a finalização de cada uma, um debate era iniciado. O último encontro se debruçou sobre o objetivo de mostrar-lhes tudo o que foi construído por eles, todos os post-its, cartolinas, slides e dinâmicas do primeiro encontro foram apresentados, pendurados em barbantes pela sala. Um último debate foi feito sobre como foi para eles aquela experiência, sobre conclusões deles a respeito da escola, reflexões sobre todo o material ali reunido, e uma despedida do grupo.

A análise dos dados foi construída a partir da interlocução entre conteúdos encontrados (respostas às perguntas das dinâmicas e discussões em grupo) e referencial teórico relacionado a esses. Foram definidos tópicos a partir das falas dos alunos, tendo-se

---

<sup>1</sup> Site interativo: Mentimeter



como exemplos: falta de dinamismo em sala de aula, rotinas engessadas, pouca autonomia dos alunos, espaços dentro da escola onde esses não tinham acessos e poucos contextos para reflexões e discussões. Cada tópico foi escolhido a partir da frequência em que aquela questão surgiu, as mais discutidas e citadas pelos alunos, ganharam o status de tópico.

A partir dos tópicos definidos, foi feita a interface entre eles e os autores do referencial teórico, tendo a preocupação em encaixar cada tópico com o autor que versava sobre aquele assunto e dessa forma poderia promover uma análise mais rica das falas dos alunos, possibilitando então apontamentos válidos para a educação. Esses autores deram consistência às falas dos alunos, permitindo apontamentos concisos que se fazem úteis para próximas discussões e transformações no universo escolar.

#### **4. RESULTADO E DISCUSSÃO**

##### **1) Resultado**

Os resultados serão apresentados a partir desses eixos de discussão: problemáticas, pontos positivos e sugestões. No primeiro encontro, foi possível identificar as pessoas que os alunos mais admiram e o motivo disso por meio da dinâmica ocorrida. Pessoas como mães, pais, celebridades e cantores foram mencionados, a razão da escolha foi em sua maioria: superação, perseverança e força.

No eixo referente às problemáticas, dentre as maiores dificuldades na escola foram apontadas: amigos, entender algumas matérias, ter alguém para “conversar”, janelas quebradas no frio, aula de história, uso do mapeamento de sala, janelas sem cortinas, professor, aula ruim, conversa, gente conversando na hora da explicação, interagir, fazer amigos, professores que não deixam a escola “legal” e conversa. Todas essas respostas foram lidas e discutidas e na discussão emergiram outras questões como relação professor-aluno, por exemplo.

Outra pergunta pertencente a esse eixo foi destinada a eles: *Quais as regras mais difíceis de serem seguidas?* Não poder usar a biblioteca, chegar até 7:10 (Horário máximo permitido para a entrada dos alunos), ficar sem conversar durante as aulas, ficar sem mexer no celular, apostila, não escutar música, obrigatório usar uniformes, não poder ficar com o fone de ouvido pendurado no pescoço, não poder chegar na segunda aula, aturar a doutrinação comunista, não poder usar calça rasgada. Durante a discussão das respostas, muitos abordaram o assunto de não poderem ouvir música ou mesmo conversarem enquanto a lição está sendo passada na lousa, momento em que os professores não estão explicando. Foi citado por eles o exemplo de um professor que adota essa conduta e segundo os mesmos, consegue que os alunos se mantenham em silêncio durante a hora da

explicação, o que garante uma aula mais tranquila com menos embates e discussões entre o professor e os alunos. Outro ponto bastante mencionado por eles foi a regra de não poderem ir ao banheiro no momento que desejam ou sentem vontade, somente mediante autorização dos professores, que segundo os mesmos nem sempre é dada, o que eles consideram desrespeitoso para com eles.

Na discussão sobre pontos positivos algumas perguntas foram feitas, cujas respostas serão aqui apresentadas. *O que vocês mais gostam na escola?* Aprender, amigos, educação física, intervalo, colegas, aula vaga, conversar com amigos, aula de artes, matemática e aula de ciências. *O que faz a escola ser uma boa escola?* Os alunos e professores, sala de leitura, os professores, silêncio, professores bons, diretor, o método de ensino, aulas mais interativas, ter professores dedicados para explicar a matéria, aulas na sala de informática e biblioteca, aulas mais dinâmicas, trazer mais arte nas escolas, o jeito de ensinar, construir mais salas interativas, campeonato de pebolim e outros esportes, o interesse dos alunos, poder usar a TV e o videogame e o uso livre do banheiro. *Qual a importância da escola para você?* Conhecimento, o aprendizado, para ter um aprendizado, para ser alguém na vida, ter um futuro melhor e um futuro melhor. *Para que serve a escola?* Para ter conhecimento, para ter um futuro melhor, estudar, aprender, socializar, aprendizado, para ser alguém na vida, fazer amigos e para estudar. Na discussão sobre essas perguntas não houve muitas falas, eles disseram que era o que estava escrito, que não tinha muito mais o que falar, que acharam as perguntas muito parecidas e tudo que o que estava lá era o que achavam.

No último eixo sobre as ideias, sugestões e participação dos alunos, surgiram respostas mais maduras e estruturadas. Foram utilizadas cartolinas, para que em conjuntos, os oitos escrevem suas ideias. Em uma cartolina foi dado o título *Ideias e Sugestões* e foi escrito pelos alunos: mais passeios culturais, de lazer, artes, história e científico; uso livre do banheiro; conscientização sobre: racismo, sexualidade, gravidez na adolescência, postura dentro da sala; Ler um livro todo mês; escolhas democráticas; aulas no pátio; biblioteca; psicólogo escolar; música; cantinho da leitura; aula de economia; substituir o sinal por música; sala de cada matéria; cantar o hino nacional; laboratório; aulas dinâmicas; reforço; livros didáticos; debate político racional; debate contra o bullying; música no intervalo, inclusão social e informática. No momento desta construção todos ficaram em volta da mesa dando as ideias e alguns deles escrevendo, foi um momento de grande e rica troca de ideias entre os alunos. Na outra cartolina o título era *Qual pode ser sua contribuição para uma escola ser melhor?* As respostas foram: Ser mais educado com os professores, colegas e funcionários; respeitar as diferenças; fazer sua parte antes de querer mais; prestar atenção e se comprometer mais.

## 2) Discussão

No decorrer de todos os encontros, diversos pontos e reflexões surgiram. Alguns tiveram mais lugar de destaque, fazendo com que os alunos se envolvessem mais, dando suas opiniões de forma veemente, outros passaram mais despercebidos. Dentre todos, é possível selecionar alguns como pontos chave para a compreensão da percepção destes alunos sobre o universo escolar. É pertinente ressaltar que toda a análise levantada aqui, não diz respeito somente a essa escola em questão. Temos acesso a uma pequena parte da amostra do universo educacional, entretanto, a análise de uma situação permite a reflexão sobre tantas outras, o que significa então, que essas reflexões não se limitam a essa escola em específico, mas, provavelmente, refletem situações comuns a muitas outras.

Um tópico levantando em todos os encontros foi a não existência em seus cotidianos escolares, de outras formas de ensino. Ao falarem disso, remeteram-se ao fato de que a única fonte de ensinamento é a cópia dentro de sala de aula, outras ferramentas como: laboratórios, bibliotecas, aulas interativas, passeios pedagógicos, salas de arte, aulas de reforço e projetos de leitura, não existem ou não há acesso. Esses pontos foram levantados desde o primeiro encontro, mas a maneira como eles passaram a abordar as questões de forma madura e séria, foram tomando forma no decorrer da pesquisa. Retomando aqui Mahoney e Almeida (2005) cujos conceitos de Wallon, sobre a importância da adequação entre o conteúdo ministrado e a necessidade do aluno são discutidos, vemos um link com esses pontos trazidos. A forma como as aulas são dadas não estão em sintonia com a necessidade dos alunos, uma vez que os mesmos necessitam da dinâmica, da leveza, do refletir, da escola como uma escola em seu sentido primário, um lugar de pensar e não só de check-in em boletins. Temos diversos estudantes que escutam horas e horas de conteúdo todos os dias, mas que não sabem o porquê escutam, não sabem a importância daquilo em suas vidas, a razão de conhecer como os processos químicos acontecem, ou de entender quais foram os motivos da revolução francesa, ninguém lhes explica o porquê é importante aprender sobre isso. Fica a pergunta: como algo que não é importante para alguém, seria uma necessidade?

É interessante relacionar essa demanda deles, com a contínua reclamação de que as aulas são chatas e de que os professores não conseguem torna-las interessantes. Toda possibilidade de não estar em aula é desejada. A aula é vista e falada como algo extremamente aversivo, onde alunos devem permanecer em silêncio, apenas copiando a lição, lição essa muitas vezes não compreendida e quando questionada, não explicada de forma clara. O fato de a aula ser tão aversiva para esses indivíduos tem sua desmotivação na forma monótona como a aula é dada, mas também no sentido dado aquele conteúdo, ou à falta dele, neste caso. Muitos conteúdos ministrados em aula, não conversam com nada

do que aqueles indivíduos veem em sua realidade. A necessidade de aprender aquilo se prende somente ao fato de que é preciso atingir certa nota para seguir em frente, e finalmente conseguir um diploma, que por sua vez possui importância na vida adulta, realidade essa que aparentemente eles não conhecem a fundo, embora já tenham algum contato. Leontiev (2004) abarca essa questão quando conceitua atividade e ação, conceito esse já citado no referencial teórico, onde a primeira gera transformações no indivíduo e tem um objetivo que coincide com o motivo, a segunda apenas tem um objetivo vazio de sentido, que não vai de encontro com o motivo daquela atitude. Nas escolas vemos diversas ações, mas bem poucas atividades.

Ainda seguindo a reflexão sobre as aulas meramente baseadas em cópias, revisitamos Freire (1997a) em suas considerações sobre Educação Bancária, ou seja, aquela em que educar se torna um ato de depositar conhecimento em certo indivíduo. A lógica segue a mesma, não há comunicação, mas sim comunicados, não há troca, ou mesmo sentido para o que está se aprendendo, há apenas memorização. Para além dos comunicados, há o fato de que são conteúdos desconexos de sua realidade, não são expostos junto ao contexto, o que traria sentido àquilo estar sendo dito, pelo contrário, são recortes vazios de significado, são um fim em si mesmos. Isso é, ao explicar física, não é colocada para os alunos a física na realidade prática deles, não é explicado por essa via, tão pouco há a preocupação em argumentar a importância de entender aquele conteúdo.

Outra reflexão visceral para compreender as posturas, atitudes e percepções dos alunos sobre a escola é retomar os conceitos de sentido e significado, de Vigostky, discutidos no texto de Asbahr (2014). Para exemplificar é possível pensar nos alunos que podem ter associado à palavra escola diversos sentidos, ligados a vivências deles, a discursos e ideologias que eles experienciaram em toda sua vida, esse grande sentido "escola" contém alguns significados, entre eles, um poderia ser: local de aprendizagem. Os sentidos levam a atitudes e posturas. Dito isso e retomando algumas falas dos alunos, vemos que os sentidos dados à escola, na maioria das vezes são ligados a algo aversivo, tedioso, sem muito objetivo, "chato", as atitudes dos alunos, portanto são diretamente ligadas a isso. O mesmo segue sobre a percepção sobre eles próprios, uma posição de rebeldia, que não entende os adultos, que não tem responsabilidades, que não cooperam, não são interessados sobre nada, suas atitudes mais uma vez são intrinsecamente ligadas a esses sentidos.

Revisitando Patto (1997) em suas considerações sobre fracasso escolar centrada no aluno, temos alguns pontos a serem discutidos. Na pesquisa vimos que a ideia do fracasso centrada no aluno permanece, mas com algumas mudanças. Em alguns discursos, como do

aluno que diz que a aula não dá certo por conta dos próprios alunos, por que eles são desinteressados, vemos essa lógica ainda enraizada, compreende-se que a falta de interesse/afinco é culpa do aluno, mas não se leva em consideração o fato de que as aulas existem em uma estrutura apática, que não atrai e nem desperta curiosidade. O discurso proferido por esse aluno, pode ser ouvido em diferentes contextos, por diferentes pessoas, de forma que é uma concepção geral sobre o aluno. Contudo, nos discursos de outros alunos, vemos uma responsabilização também do professor e de alguns membros da administração, esses alunos por vezes se auto responsabilizam, mas trazem muito à tona a questão dessas outras posições. De qualquer maneira, ambos os discursos procuram um culpado, um indivíduo, não compreendem ainda que o problema é estrutural, ideológico e social, construído a partir de uma rede que envolve os processos educacionais. Assim, professores e alunos seguem reproduzindo esses discursos que por sua vez seguem impedindo o avanço na superação dos reais problemas.

Quando falamos da relação aluno-professor, aluno-instituição nos defrontamos com diversos conflitos. Há sempre uma atmosfera de “cabo de guerra” entre os dois polos (professores/administração/diretoria e alunos) uma dicotomia demarcada abstrata e fisicamente. A disparidade de poder entre essas figuras causa atritos, os alunos se veem como sujeitos donos de si que podem fazer o que desejam, como bons adolescentes que são, contudo são confrontados com as regras instituídas de poder dos professores e da própria escola que ditam como a conduta dentro da sala deve ser. Ao analisarmos relações de poder, cabe aprofundar a reflexão. Foucault (1987) pode auxiliar nessa reflexão, com suas discussões sobre sociedade carcerária, micropoder/macropoder e relações de poder. A vigia e por conta dela a possibilidade de punição são fenômenos que marcam a experiência escolar. Algumas instituições mantêm esse controle via macropoder, isso é, o ambiente físico, as regras instituídas, como grandes vigiadores. A escola, em geral, é uma instituição que não se modernizou completamente, carrega em si, características de quando foi criada e segue a lógica do macropoder: os portões, controle de espaço e tempo, a vigia é física e institucional, isso não descarta o uso do micropoder, onde cada um vigia um ao outro, mas é possível ver características mais marcantes do macro. O aluno não pode ter acesso a qualquer lugar, em qualquer momento, são regras concretas, recursos físicos que mantêm essa realidade. Essa relação de poder perpassa outros indivíduos pertencentes à escola, como professores, funcionários e até a gestão.

Outro ponto são as relações entre os indivíduos lá dentro, Foucault (1987) nos esclarece com a questão da verticalidade nas relações de poder, onde um por conta de seu saber, do seu *statu quo* na sociedade tem muito mais poder do que o outro sujeito, o que garante poder a um em detrimento de outro. Dentro da escola o mesmo se repete, aquele

que possui o saber, possui mais poder, se forma então uma relação vertical e desigual. Toda relação de poder tem uma consequência, a resistência, a qual muitas vezes se manifesta nos conflitos entre professores e alunos ou nos conflitos entre professores e administração. A possibilidade de resistência à grande administração (Estado) é quase nula, já que o único contato entre escola e Estado são regras e normas estabelecidas que devem ser seguidas. A construção do ensinar, do espaço escolar é bilateral, muitas vezes aqueles que o praticam todo dia não fazem parte das decisões, nem alunos, nem professores.

Entretanto é visto que a participação dos alunos é solicitada, desejada em certos ambientes, mas não em outros, em outros é desejada a obediência, o que causa frustração e contribui para o não envolvimento em sala de aula, bem como em questões escolares, como grêmios estudantis. Os alunos são constantemente vigiados e têm seus movimentos controlados, o que não possibilita nenhum sentimento de autonomia, essa falta de participação de decisões alcança a sala de aula, onde os mesmos não querem ou não sentem vontade de se engajar em atividades. O atual modelo escolar reforça modelos de pouco ou nenhum debate, de pouquíssima autonomia dos indivíduos pertencentes, sejam gestores, professores, alunos ou famílias. Nesse sentido retomamos Checchia (2006), que trazia a atenção para a não escuta dos alunos, para a compreensão desses como indivíduos tidos como rebeldes e violentos, que não têm nada a dizer, mas assim como a pesquisa mostrou, os estudantes têm e muito, informações riquíssimas e muito interesse de fazer parte de todo esse processo. Para corroborar esse raciocínio, é importante citar Adorno (1995) em suas reflexões sobre a obediência cega, a solução para o autor é o papel ativo dos indivíduos de uma sociedade, a autonomia sendo promovida, consideração essa que vai na contramão do que vemos em determinadas estruturas nas escolas.

A escola é atualmente o principal local de socialização dos indivíduos, isso por que as interações com vizinhos, colegas de rua e bairro pouco acontecem (ao menos em termos físicos). O lugar em que os mesmos se conhecem, formam laços e se estruturam é a escola. A estrutura educacional aparentemente ainda não se deu conta da sua significância nesse aspecto. Com toda a tecnologia existente hoje, as horas em que passam na escola são as únicas em que esses jovens interagem com outros de sua idade, todo o resto do tempo muitos se relacionam basicamente via redes sociais. Isso acarreta em diversos fenômenos, um dos que é relevante citar é a importância das relações construídas dentro desse ambiente. Mahoney e Almeida (2005) trazem ainda a reflexão de Wallon, o autor aponta a escola como uma oficina de conhecimentos, movimentos e relacionamentos. É importante ter isso em mente ao pensar em como a escola deve existir e funcionar. É pautada nesses objetivos que a escola é construída hoje?

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar para toda a pesquisa, considerando as hipóteses, os resultados e passando pela análise, algumas conclusões emergiram. A primeira delas corrobora diversos autores trazidos no referencial teórico, que falavam sobre a importância da fala do aluno. Um dos principais pontos que ficam para os próximos estudos é justamente esse, os alunos têm muito a dizer, têm coisas importantes a falar, se interessam, desejam se engajar, tem pontos e percepções extremamente válidos e assertivos, ao contrário do que o senso comum espera, trazem temas conectados à realidade. Suas queixas e sugestões amadureceram durante o processo. No final dos encontros, desejavam que a pesquisa continuasse em forma de projeto, um projeto que permitisse que todos os alunos falassem, e que a partir disso, transformações acontecessem. A circulação da fala se faz mais do que necessária, democratizar a construção da escola é um passo que devemos dar, o quanto antes. O conteúdo trazido pelos alunos permitiu diversas reflexões e é uma base extremamente válida para pensar em mudanças para a escola e para a educação em geral, o que por sua vez permitiu os próximos parágrafos.

Fazendo a interlocução com os estudos atuais sobre o tema da percepção dos alunos, é possível notar que existe uma consonância entre a maioria dos resultados. Entretanto, houve também dissonâncias, como por exemplo a de Fleith e Alencar (2006) que trata sobre a percepção dos alunos em relação ao clima de sala de aula para criatividade, que diferente do presente estudo mostrou um entendimento positivo por parte dos alunos no que diz respeito à possibilidade de criatividade em sala de aula, vale ressaltar que a amostra da pesquisa é com alunos da 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> série do Ensino Fundamental, uma amostra em sua maioria de crianças, diferente da amostra de pré-adolescentes que compõe os participantes do presente estudo. Já o estudo de Ferreira e Pereira (2017) apresenta resultados que conversam com o que foi encontrado na presente investigação, corroborando as reflexões feitas aqui. Sobre a participação do aluno no processo de gestão escolar foi visto que a mesma é restrita e ligada somente a questões disciplinares. De acordo com os alunos espaços como Grêmios Estudantil, Conselho Escolar e Conselho de Classe Participativo não se configuram como espaços participativos. Vemos então que a discussão aqui levantada sobre pouca participação/autonomia dos alunos nos assuntos escolares é de fato uma questão comum a ambientes escolares.

Outro estudo que traz consistência ao que foi encontrado nesta pesquisa é o de Cunha e Genovese (2009) que aborda a visão dos alunos no Ensino Médio sobre ambiente escolar. Dentre os resultados têm-se que um grande fator para os alunos deprenderem a escola é a mesma já estar em condições precárias, em contra partida, eles ao mesmo tempo se veem como parte dela. Esses dois pontos fazem link com a questão levantada na

presente pesquisa sobre os alunos se enxergarem de uma forma muito depreciativa, questão essa que pode estar ligada aos sentidos criados a partir da vivência deles com uma escola muitas vezes depreciada. É também ponto comum os alunos se verem como parte e responsáveis da escola, entretanto, assim como discutido na investigação de Ferreira e Pereira (2017) esses alunos não encontram espaço legítimo de participação. Por fim sobre a conversa com estudos atuais que versam sobre o tema, temos o artigo de Dewes (2013) que a partir dos apontamentos dos alunos identificou uma necessidade de aulas/conteúdos mais dinâmicos que versem com suas vidas. Foi concluído também que para o sucesso do ensino é vital que a escola seja estruturada e pautada nos alunos, a partir de suas necessidades. Esse estudo corroborou intensamente os resultados e conclusões identificados e estabelecidos nessa pesquisa, possibilitando uma maior certeza no caminho para pensar a educação a partir do que foi encontrado.

A partir de tudo visto e refletido no presente estudo, fica clara a necessidade de pensar o conteúdo e a forma como ele é dado, a partir das necessidades dos alunos e da sociedade. Entendendo aqui que ao dizer isso, é referida a necessidade humana de conteúdo que faça sentido para si, que não siga a lógica de uma máquina, que verse com o dinamismo, que tenha um objetivo final, o desenvolvimento do humano. É necessário criar sentidos e significados para o conteúdo dado em aula, entender o porquê é importante que ele seja passado e a partir daí construir com alunos e professores os sentidos dele, como eles se relacionam com a vida prática daqueles indivíduos, como esse conteúdo afeta a humanidade e como o conhecendo, esses alunos passam a ter o poder de transformar suas realidades. É importante que ao estabelecer o conteúdo de aula, reflita-se se ele caminha em direção do empoderamento reflexivo dos indivíduos, ou se segue reforçando a lógica bancária/depositária, se a forma como esse conteúdo vai ser ministrado, irá promover autonomia. Não se pode esquecer que uma aula deve ser interessante e convidativa, sua estrutura não pode ignorar esses critérios, além dos já citados, a maneira como ela pode ser mais atrativa, pode ser explicitada por aqueles que participam dela, alunos e professores.

A autonomia, democratização, horizontalidade e empoderamento devem ser os pressupostos da educação. A horizontalidade, circulação e democratização da fala de alunos e professores devem ser garantidas, são essas pessoas que passam boa parte de seus tempos dentro desse ambiente, eles devem e podem falar sobre, construir, organizar e criar. Políticas públicas devem estar conectadas aos lugares onde irão agir, devem ser pensadas a partir de lá, e por aqueles que são protagonistas delas, de forma alguma excluindo outros profissionais e indivíduos, mas antes de tudo não excluindo os principais atores desse fenômeno. A autonomia reflexiva dos indivíduos deve ser um objetivo sempre vislumbrado e desejado dentro de um espaço escolar e de todos os outros que o circundam.



Permitir que as pessoas sejam protagonistas de suas comunidades, da sociedade e da história deve ser o objetivo primeiro e final de qualquer lugar que se encaixe na categoria que denominamos educação.

É de extrema importância que o psicólogo escolar esteja dentro das estruturas escolares, em grande escala, levando o saber psicológico-histórico-social da psicologia escolar. Esse profissional deve facilitar os processos de construção de sentidos e significados sobre ser professor, sobre ser aluno, sobre os conteúdos ministrados. Deve também trabalhar com todos os indivíduos que existem naquele ambiente, para a conquista da autonomia das pessoas por meio da educação e para a autonomia dentro da educação. É papel desse profissional trabalhar para que a estrutura escolar converse com o meio inserido, que seja acessível à comunidade à qual aquela escola pertence. Na construção de políticas públicas devem participar aqueles que vivem essa rotina, a psicologia escolar deve auxiliar nesse processo, e deve também participar da construção e execução dessas políticas. É importante papel desse profissional e dessa área a democratização da educação, criar pontes entre todos os atores e as esferas que perpassam esse ambiente (alunos, professores, coordenação, diretoria, estado), permitir a interlocução entre os mesmos e incentivar a criação de propostas/mudanças/transformações/políticas a partir desse diálogo, onde todos esses os indivíduos participam e são ouvidos ativamente.

Uma grande contribuição do presente estudo para próximas reflexões e ações, por tratar-se de uma realidade consideravelmente nova e por isso não tão discutida, é o entendimento da escola como espaço socializador, é a compreensão de que hoje vivemos em uma outra era, com novas configurações sociais, que são intensamente permeadas pelo virtual, as relações são pautadas a partir dessa novas práticas. Hoje são poucos os espaços de contato físico real, ao vivo, sendo a maioria deles restringido a consumo, ou seja, convivência basicamente nos shopping centers, em determinadas cidades. A escola, entretanto, tem objetivos diferentes dos de um shopping e, portanto, permite uma socialização muito mais rica e abrangente. É dever de todos os que trabalham e estudam a educação compreender esse fenômeno e agir a partir daí, uma vez que a escola é o principal local hoje de socialização, é dever que se entenda como tal e se estruture como tal. Compreendendo que os seus espaços devem possibilitar que esses jovens e crianças tenham contato uns com os outros, que haja a troca de experiências e ideias, que o que é intrinsecamente humano, não se perca, ao contrário, se reproduza.

É imprescindível entender que o contato humano foi e é vital para nossa sobrevivência e evolução, conversar, conviver, estar em grupo e criar a partir disso, é fundamental para nós enquanto seres da espécie humana, é isso que nos define. Por isso,

tendo como cenário, o da era virtual, a escola se mostra mais importante do que nunca, agora por um motivo que não se pensava antes, o de manter e reforçar o que nos é próprio, mas vem sendo desconsiderado, o instinto gregário. Precisamos pensar a transformação da escola, a partir de diversos pontos, já discutidos anteriormente e que se prosseguirá no próximo parágrafo, mas esse é também um ponto do qual devemos partir, a transformação rumo a um ambiente para que se mantenha o contato humano, o convívio, para estabelecer vínculos, conexões, pois esse é ponto chave para nós enquanto grupo e para nossa saúde enquanto seres individuais.

Para além das indicações já feitas nos parágrafos anteriores, relacionados a aulas dinâmicas, que produzam autonomia, empoderamento e indivíduos criticamente reflexivos e ativos, é de importância vital que a escola proponha ambientes, atividades e relações que possibilitem uma socialização sadia. Assuntos como racismo, machismo, homofobia, desigualdade social, ética, respeito e empatia precisam ser debatidos e pensados, de forma que o debate/a reflexão sejam pressupostos dessa socialização. É necessário pensar a rotina escolar, permitindo esses espaços em nossa atual realidade, pois é incompatível uma estrutura em que o aluno passa 90% do seu tempo sentado em uma mesa copiando parágrafos e parágrafos da lousa, com o objetivo da construção de uma sociedade menos desigual, reflexiva e ativa. Ambientes para que esses sujeitos conversem, brinquem, se divirtam, pensem, debatam, criem, transformem, fazem-se urgentemente necessários, vislumbrando uma educação de crianças e jovens que se proponha ao seu objetivo final e maior, uma sociedade mais justa, em todos os sentidos que essa palavra pode carregar.

## 6. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BRASIL. Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Diário Oficial da União: Secção 1, [S. l.], p. 9253, 5 set. 1962.

CHECCHIA, Ana Karina Amorim. O que os jovens alunos de classes populares têm a dizer sobre a experiência escolar na adolescência. 1997. 207f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2006.

CUNHA, Camilla; GENOVESE, Cinthia. A visão dos alunos de ensino médio sobre o ambiente escolar mediante à cultural desvalorização da escola pública pela sociedade. III EDIPE - Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2009.

DEWES, Marcia. A escola na visão dos alunos: dilemas e desafios. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2011. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <[www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20)>. Acesso em 13 de set. de 2019. ISBN 978-85-8015-039-1.

FERREIRA, Mileide; PEREIRA, Antonio. Gestão Escolar e Participação: A percepção dos alunos. Revista de Iniciação Científica, Criciúma, v. 15, n. 2, 2017. Acesso em 29 de set. de 2019

FLEITH, Dense; ALENCAR, Eunice. Percepção de alunos do Ensino Fundamental quanto ao clima de sala de aula para criatividade. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 513-521, set./dez. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a06>> Acesso em 10 de out. de 2019

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Lúcia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. Educação "bancária" e educação libertadora. In: PATTO. Maria Helena Souza. Introdução à Psicologia Escolar. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997a. p. 61 - 78.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997b.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. Método de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução á pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Rev. adm. empres. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Apr. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>> Acesso em 08 de mar. De 2018.

INEP. Censo Escolar, 2014 – 2015. Brasília: INEP/Ministério da Educação, 2017.

LEONTIEV, Alexis. O desenvolvimento do psiquismo. Trad. Rubens Eduardo Frias. 2º. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. Psicologia da educação, São Paulo, n. 20, p. 11-30, jun. 2005. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 25 jul. 2019

MOLINA, Rinaldo; ANGELUCCI, Carla Biancha. Interfaces Entre Psicologia e Educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

PATTO, Maria Helena Souza. O papel social e a formação do psicólogo: contribuição para um debate necessário. In: PATTO. Maria Helena Souza. Introdução à Psicologia Escolar. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 459 - 468.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. Psicol. esc. educ., Campinas , v. 13, n. 1, p. 179-182, jun. 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572009000100021](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100021)> Acesso em 08 de mar. De 2018.

TRAD, Leny Alves Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. Physis, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312009000300013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013)>

Acesso em 09 de mar. 2018.

**Contatos:** Natasha Garcia de Oliveira: [natashagoliveira@outlook.com](mailto:natashagoliveira@outlook.com)

Roseli Lins Fernandes Caldas: [roseli.caldas@mackenzie.br](mailto:roseli.caldas@mackenzie.br)